
Jornalismo visual: práticas pedagógicas no Nordeste brasileiro¹

Larissa SILVA²
Andréia NASCIMENTO³
Yara MEDEIROS⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa “Trajetórias do ensino de jornalismo visual: experiências pedagógicas no Nordeste brasileiro”, trabalho com o objetivo de compreender processos de ensino ligados ao desenvolvimento de competências para a produção jornalística visual. O recorte aqui apresentado traz depoimentos de onze professores de cursos de jornalismo, de sete estados da região Nordeste, responsáveis por disciplinas voltadas às questões gráficas. A metodologia foi a entrevista em profundidade semiestruturada e uma análise exploratória de linhas de força das práticas de ensino. Os depoimentos foram coletados durante a pandemia da Covid-19, assim apresentam adaptações do período remoto e como a área necessita de foco na programação visual para o digital.

PALAVRAS-CHAVE: planejamento gráfico e editorial; metodologias pedagógicas; design jornalístico, entrevista em profundidade.

INTRODUÇÃO

“É claro que os jornalistas tradicionais devem se tornar jornalistas visuais ou eles simplesmente não serão capazes de acompanhar as mudanças ao seu redor”, a frase escrita pelos pesquisadores Harris e Lester (2002) no livro *Visual journalism: a guide for a new media professionals* consolidou-se no compasso do desenvolvimento tecnológico. As habilidades necessárias à produção jornalística se diversificaram no século XXI com o mercado profissional exigindo um jornalista multitarefa capaz de produzir textos e editar os conteúdos em plataformas multimídias de forte visualidade.

O jornalismo visual é um termo utilizado para designar conteúdos jornalísticos nos quais a informação é primordialmente difundida por expressões do design e de

¹Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação do Curso de Jornalismo da UFMA - Imperatriz, e-mail: larissa.ps@discente.ufma.br

³ Estudante de graduação Curso de Jornalismo da UFMA - Imperatriz, e-mail: andrea.cabral@discente.ufma.br

⁴ Orientadora do trabalho, professora doutora do curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz. Coordenadora do Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa (LOVE), e-mail: yara.medeiros@ufma.br

fotografias, vídeos, ilustrações, gráficos, infográficos e visualizações. A composição gráfica e o uso de recursos visuais facilitam o entendimento das mensagens jornalísticas que muitas vezes não conseguem ser explicadas pelo texto ou que se tornam mais claras quando são "desenhadas". Facilitando o entendimento não só para quem tem a compreensão verbal, mas também para aqueles que não sabem ler, mas consegue interpretar uma imagem.

Em uma sociedade em que os estímulos visuais são amplamente difundidos, o ensino do jornalismo precisa se adequar formando profissionais aptos a coordenar e produzir visualidades informativas. Medeiros (2020) chama atenção para a necessidade da construção de competências relativas à comunicação visual nos cursos de jornalismo atendendo às demandas contemporâneas.

Pensando nessa problemática, a pesquisa "Trajetórias do ensino de jornalismo visual: experiências pedagógicas no Nordeste brasileiro", conforme o projeto de pesquisa, intenciona construir uma metodologia de mapeamento das práticas pedagógicas, referências bibliográficas e produções desenvolvidas no âmbito das disciplinas da comunicação visual para contribuir nas construções teóricas e práticas de uma pedagogia visual voltada ao ensino de jornalismo.

O trabalho optou por delimitar as práticas de ensino do jornalismo visual correspondente às disciplinas de edição visual, como programação editorial ou gráfica, design jornalístico, infografia ou similares. O fotojornalismo e o telejornalismo não foram considerados nesta amostra visto que seus campos de estudos são consolidados e merecem estudos específicos em uma segunda fase da pesquisa.

As entrevistas são divididas em quatro eixos temáticos: formação, referências, práticas e perspectivas. Nesta amostra são apresentados relatos de práticas de ensino que revelam como os professores têm adaptado os conteúdos e produtos laboratoriais na pandemia. Os relatos dos professores mostram como esta área é dinâmica e criativa frequentemente marcada por mudanças às quais os docentes precisam se adaptar.

Por uma pedagogia visual no jornalismo

De modo geral, o aluno de jornalismo busca o curso por ter facilidade com a prática textual, mas as necessidades produtivas da área exigem o conhecimento visual no processo de edição e coordenação de equipes, ainda mais no cenário multimídia. Para Harris e Lester (2002, p. 22), a digitalização aproximou os profissionais.

“Fotojornalistas, escritores e designers gráficos que costumavam se separar, agora precisam aprender a trabalhar juntos da maneira mais tranquila possível com os computadores”. Formou-se uma área interdisciplinar composta por jornalistas, designers, fotógrafos, ilustradores, cientistas de dados e programadores, todos na função de construir uma tessitura verbo visual para informar.

A área da comunicação visual jornalística carece de atenção nos estudos brasileiros. O termo é pouco explorado na literatura científica nacional como conjunto de práticas profissionais. São mais frequentes investigações sobre imagem e infografia como objetos isolados (MEDEIROS, 2020). Gruszynski et al. (2016, p. 49) explicam que livros de conteúdo técnico foram referências que basearam a área. “Isso ilustra que na formação dos jornalistas no país esta área não foi/é prioritária, sendo muitas vezes encarada como atividade técnica”. Melo (2008, p. 184) comenta a ausência das equipes de arte na historiografia do design. Para ele, a falta da formação acadêmica pode ter causado desinteresse no registro e reflexão sobre a própria produção. Assim como a ausência de discursos teóricos pode ter causado desvalorização.

A dinâmica da área ao longo de sua história passou por rupturas responsáveis por, em um curto período de tempo, tornar obsoletas funções e expressões gráficas. Os modos de composição tipográfica, litográfica e digital (FREIRE, 2009) são exemplos claros de fases bem marcadas. Assim como, as invenções da fotografia, cinema, televisão e internet geraram adaptações constantes. Na fase digital, de acordo com Oliveira e Araújo (2017), não só a velocidade, como também a precisão na diagramação ocasionados pelo software permitiram uma condição de trabalho visual mais eficaz.

A partir de 1990, os processos de criação gráfica mediados pelos softwares de paginação se popularizaram nas redações de jornais e revistas do mundo inteiro. Ao final da década de 1990, os periódicos que antes só existiam no meio impresso começaram a criar seus portais de notícias na internet e também foram criados sites noticiosos independentes dos grupos de mídia impressa (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2017, p. 206).

Todas essas fases e mudanças obrigaram a apreensão de novos conhecimentos para os jornalistas, fotógrafos, ilustradores, designers e para os professores. Para Guimarães (2013), na produção da informação a imagem e os recursos imagéticos são grandes aliados para a compreensão da mensagem, mas o jornalismo visual era algo que trazia um diferencial para o aluno e não foi tratado como algo essencial para a formação do jornalista. E para ele é uma competência que sempre existiu na profissão.

Considerando-se que o Jornalismo Visual é a incorporação do material jornalístico verbal com imagem (tipografia, fotografia, ilustrações, videografias etc.) e uma organização espaço-temporal ditada pelo design gráfico em um conjunto significante espacialmente delimitado pelo suporte de determinada mídia, podemos afirmar que ele existe desde o surgimento do próprio jornalismo (GUIMARÃES, 2013, p. 238).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's)⁵ do jornalismo mudaram em 2013. O documento não menciona a palavra visual, imagem ou fotojornalismo no texto. Mas são enfatizadas habilidades para as mídias de grande visualidade. “O artigo 4, inciso 6, recomenda “ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal de trabalho, nem dite as referências da profissão” (BRASIL, 2013, on-line). Para as competências pragmáticas, sugere o domínio de “linguagens midiáticas e formatos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação” e “dominar o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística” (BRASIL, 2013, on-line).

Essas questões levam aos objetivos da pesquisa na busca por caminhos para uma valorização da área visual como fundamental no processo jornalístico formando profissionais para usar essa ferramenta com responsabilidade e criatividade.

Conversas pedagógicas

O recorte aqui apresenta depoimentos de onze professores de cursos de jornalismo, de sete estados da região Nordeste responsáveis por disciplinas voltadas às questões gráficas. A metodologia foi a entrevista em profundidade semiestruturada. O artigo traz trechos das entrevistas, as conversas tiveram a duração de uma a duas horas cada e foram realizadas via *Google Meet*. A tabela a seguir resume o mapeamento dos docentes entrevistados. O estado de Alagoas não consta, pois o professor de Sergipe, já entrevistado, migrou para a UFAL (Universidade Federal de Alagoas). As entrevistas foram realizadas por pesquisadora 1, Larissa Silva, pesquisadora 2, Maira Soares, pesquisadora 3, Andréia Nascimento e pesquisadora 4, Yara Medeiros.

⁵ Documento oficial que dispõe indicativos para a elaboração dos projetos políticos pedagógicos necessários ao desenvolvimento profissional do graduando.

Tabela 1 – Mapeamento dos professores em sete estados do Nordeste

Instituição	UF	Professor(a)	Tempo de docência (anos)	Disciplina
Universidade de Fortaleza (Unifor)	CE	Eduardo Nunes Freire	21	Design Jornalístico I e II (60h cada)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	CE	Juliana Lotif Araújo	19	Design de notícias (64h) - Estava afastada para doutorado no período da entrevista
Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	Luis Sérgio dos Santos	37	Design Editorial em Jornalismo (64h) e Programação Visual em Jornalismo (64h)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	MA	Bruno Soares Ferreira	4	Design da Notícia (60h); Jornalismo de Revista (60h) e Laboratório de Jornalismo Impresso (90h).
Universidade Federal do Maranhão – UFMA Imperatriz	MA	Marco Antônio Gehlen	12	Laboratório de Planejamento Gráfico (120h)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	Suzane Maria Barros Gomes	23	Editoração e Programação Visual, Fotografia (60h)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	Rodrigo do Espírito Santo da Cunha	6	Planejamento Gráfico em Jornalismo (75h)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	PI	Lana Krisna de Carvalho Morais	7	Comunicação e Design Jornalístico (60h)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	PI	Nayra Veras de Araújo	5	Planejamento Gráfico e Editoração (90h)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	Francisco de Assis Duarte Guimarães	27	Projeto Gráfico e Editoração (60h)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	SE	Vitor José Braga Mota Gomes	10	Laboratório Integrado em Jornalismo I e Tópicos Especiais em Planejamento Visual Jornalístico (60h)

Fonte: elaboração das autoras.

De acordo com as entrevistas é possível destacar que as disciplinas têm passado por mudanças. Uma área que se consolidou ao longo do século XX e passa por constantes renovações tecnológicas as quais o ensino precisa acompanhar. Isso fica claro nas histórias profissionais contadas pelos professores, principalmente aqueles com mais de 20 anos de experiência.

Francisco de Assis Duarte Guimarães⁶, está entre os mais experientes do grupo entrevistado, com 27 anos de experiência. Leciona a disciplina de Projeto Editorial no Jornalismo. Ele relata que o momento exige novas tecnologias de comunicação, além de novos hábitos, ações e afazeres. “Muito embora você trabalhe com os mesmos elementos, eles são ambientados em outros lugares” (GUIMARÃES, 2022, informação verbal). Foram mudanças que ocorreram ao longo do tempo. “Eu dava aula em prancheta, gente, aquelas antigas que o antigo diagramador, o pestapeiro chamava, o que o artefinalista usava, e que também os arquitetos utilizavam” (GUIMARÃES, 2022, informação verbal). O professor conhece como era todo o processo manual de diagramação.

O professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Luís Sérgio dos Santos⁷, tem 37 anos na área, e relata que na atualidade vivenciamos a modernidade de Zygmunt Bauman e que suas aulas se transformaram de maneira intensa. “Nós saímos de 100% tangível para os 100% líquido, então isso é uma mudança radical”. O professor salienta que suas metodologias remetem aos conceitos e processos criativos e também às atividades de produção com demonstração, inclusive com tutoriais em vídeo.

Além das questões de metodologia que remetem para conceitos e para processos criativos, nas minhas aulas eu sempre abro janelas ao vivo mostrando como é que se faz. A gente tem um passo a passo de um processo de criação, alguns deles eu publico. Tem alguns tutoriais que a gente faz que estão disponibilizados no YouTube (SANTOS, 2021, informação verbal).

Para ministrar as aulas o professor conta com um laboratório equipado com softwares de produção visual. “A minha sala de aula é um laboratório, é uma redação com tecnologia de ponta. Com computadores de alta capacidade essa tecnologia foi totalmente renovada e no laboratório estamos equipados com softwares”.

⁶ Entrevista concedida em 06/05/2022, à pesquisadora 3. Via Google Meet. Duração 2h40min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

⁷ Entrevista concedida em 02/06/2021, à pesquisadora 1. Via google meet. Duração: 2h09min. Todas as informações verbais foram tiradas dessa fonte.

Outros professores fazem parte de projetos laboratoriais interdisciplinares, voltados à produção de materiais de formato impresso. É o caso da UFPE, com a revista *Átimo*, e os jornais-laboratório, da UFMA de São Luís, *Ao pé da Letra*; da UFMA de Imperatriz, o *Arrocha*, e a Unifor com o *Sob Pressão*. Na UFPI, a cada semestre as turmas têm liberdade de criar uma publicação nova em um projeto interdisciplinar.

A professora Nayra Veras de Araújo⁸, da Universidade Federal do Piauí, descreve que as suas aulas de produção são expositivas e dialogadas, para obter o entendimento do aluno e se encaixar com a realidade em que ele vive. Pois há uma certa dificuldade em manusear e adquirir softwares específicos para alcançar o conhecimento necessário ministrado durante a disciplina. “Acho que tenho mais vocação de ser professora do que jornalista é por causa dessas percepções. Eu gosto muito de verificar o meu público para propor coisas que se adequem à realidade deles”.

Marco Antônio Gehlen⁹, ministra a disciplina Laboratório de Programação Visual com 120h/a¹⁰, na Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz. O projeto é interdisciplinar integrado as disciplinas de Fotojornalismo e Jornalismo Impresso. O jornal *Arrocha*, fundado em julho de 2010, contava com 44 edições até julho de 2022. A produção não parou na pandemia, o professor narra as diferenças no processo de ensino no modo remoto. As edições não são impressas, o jornal é folheado digitalmente.

(...) antes tava lá cada um no seu computador fazendo, errando, acertando, sendo corrigido na hora, pedindo ajuda. Agora não é assim, vou fazendo essa atividade prática e os alunos vão acompanhando, enquanto estou fazendo. Estou discutindo coisas com eles, mostrando, apontando coisas, conceitos para que eles possam também ir evoluindo nessa ideia junto comigo. Quem me acompanha vai ter uma boa produtividade e bons conhecimentos também. Mas a parte de ir lá pro laboratório e pôr a mão na massa não tem, né? Aí muda um pouco essa dinâmica (GEHLEN, 2021, informação verbal).

Práticas de composição manuais aparecem como um estímulo à criatividade, são exercícios que dispensam o computador. O professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Rodrigo Cunha¹¹, conta que chegou à disciplina de Planejamento Gráfico em Jornalismo sem experiência didática.

⁸ Informação verbal. Entrevista concedida em 28/04/2021 à pesquisadora 2. Via Google Meet. Duração: 1h12min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

⁹ Entrevista concedida em 03/12/2021 à pesquisadora 3. Via Google Meet. Duração: 1h30min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

¹⁰ O curso da UFMA de Imperatriz está em uma transição para um novo Plano Pedagógico de Curso (PPC). A partir do semestre 2020.2, o PPC divide as disciplinas em duas: Planejamento Gráfico e Editorial (60h) e Laboratório de Planejamento Gráfico e Editorial (60h).

¹¹ Entrevista concedida em 13/04/2021 à pesquisadora 3. Via Google Meet. Duração: 1h53min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

Passava um conteúdo e via o que era mais viável, com *feedbacks* dos alunos, ia testando, tive diversas fases, faço um pouco de tudo, abro as possibilidades, mostro um impresso também, materiais inovadores, e como estamos no on-line são aulas mais teóricas com muitos exemplos e exercícios. Tento passar mais exercícios de observação e para descreverem, mostro materiais de todos os lugares do mundo (CUNHA, 2021, informação verbal).

Os trabalhos manuais estão presentes no ensino presencial, embora seja também um entusiasta dos formatos digitais. O professor destaca a importância e a necessidade de inovar ao passar seus conhecimentos.

Gosto de fazer trabalho de diagramação sem o computador, peço um rascunho de uma página. Eu digo “vamos fazer a capa de uma revista, ou um sumário que seja interessante”. Eles fazem isso no papel. Também faço colagens, com jornais ou revistas antigas e pegam títulos ou marcas e montam páginas a partir dessas colagens, com colunas e fotos. Então, eu sempre peço para eles pensarem primeiro no papel e só depois passar isso para o computador. Eu evito que cheguem limitados somente ao computador (CUNHA, 2021, informação verbal).

A professora Nayra Araújo, da UFPI, também relata uma prática com aulas expositivas dialogadas e exercícios manuais que considera tradicionais.

Sempre levava muito exercício para eles fazerem em sala. Mas eram exercícios com muita dinâmica, sabe? Por exemplo: quais são as formas básicas, é a reta, o ponto e o triângulo, uma bola? Então assim: 'ah, eu trouxe aqui uma folha para vocês desenharem e fazerem um desenho só com as formas básicas (ARAÚJO, 2021, informação verbal).

O ensino voltado aos formatos impressos tem mudado e os formatos digitais têm ocupado um espaço que aparece como o futuro da área. A professora da Universidade Estadual do Piauí, Lana Krisna de Carvalho Morais¹², ressalta que a disciplina relacionada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, tinha um segmento voltado ao impresso. Na atualidade, Lana explica que a área tem viés também para espaços na internet, e a pandemia desencadeou mais ainda o digital.

(...) a gente agora precisa pensar em estratégias que sejam compatíveis com a realidade dos alunos. Então, eu utilizo muito recursos de gamificação em sala de aula. Eu faço pesquisas com muita antecedência sobre recursos que eu posso utilizar nas minhas disciplinas e que sejam recursos viáveis para o celular (MORAIS, 2021, informação verbal).

¹²Entrevista concedida em 06/10/2021, à pesquisadora 2. Via Google Meet. Duração 1h26min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

A preocupação com o acesso dos alunos leva a um esforço na busca de novas tecnologias acessíveis aos smartphones dos alunos.

(...) gente recebe na graduação alunos que são nativos digitais e também alunos que estão no primeiro telefone, seu primeiro *smartphone*, que normalmente é um *smartphone* simples e com poucos recursos. Então todas as práticas e todas as metodologias e estratégias didáticas utilizadas estão pensadas de uma maneira inclusiva, que consiga dialogar com todos os públicos (MORAIS, 2021, informação verbal).

O ensino remoto provocado pela pandemia acelerou processos de conhecimentos de novas ferramentas antes não utilizadas pelos professores e alerta para a necessidade do foco em planejamento visual para ambientes digitais. Vitor Braga Gomes¹³, professor da Universidade Federal de Alagoas, – na época da entrevista lecionava na Universidade Federal de Sergipe – aplica e percebe que antes mesmo da pandemia já havia uma necessidade de inserir essas práticas a suas aulas, e com a falta de mercado para essas áreas tradicionais da comunicação no formato impresso a mudança na formação é inevitável.

Trabalhamos muito com planejamento visual em jornalismo na construção de sites, portais, sites com grandes reportagens, que chama *longform*, jornalísticas trazendo conteúdos que envolvem o design, voltado para o site, mas também envolve um pouco a programação. E eu também estou começando cada vez mais a crescer nessa ideia, já tinha uma discussão sobre infografia, mas hoje tem muito essa coisa de jornalismo de dados, de visualização de dados, especialmente de visualização de dados (GOMES, 2021, informação verbal).

Juliana Lotif Araújo¹⁴, professora da Universidade Federal do Cariri, ministra as suas aulas e ensina o aluno a pensar o jornalismo e estruturar o conteúdo e as narrativas jornalísticas a partir do design da informação e não somente a manusear softwares e suas ferramentas.

(...) as minhas aulas, elas não são no laboratório de informática. Mas as práticas dos estudantes são. Então a gente trabalha em sala com a configuração, com a organização, com a lógica de construção do conteúdo jornalístico. E os estudantes vão para o laboratório junto com os técnicos para executar sobre a nossa supervisão (ARAÚJO, 2022, informação verbal).

¹³ Entrevista concedida em 09/09/2021, à pesquisadora 2. Via Google Meet. Duração 54min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

¹⁴ Entrevista concedida em 07/06/2022, à pesquisadora 1. Via Google Meet. Duração 54min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

Juliana relata que os estudantes se formam para mídia tradicional e a cidade em que leciona não tem mercado suficiente para essas mídias. Ela precisa mudar o direcionamento dessas aulas para algo mais moderno, pois são esses “lugares de empregabilidade muito grandes no campo do jornalismo, que são as assessorias e as redes sociais, gerenciamento de redes e tudo mais” (ARAÚJO, 2022, informação verbal). As aulas não contam com produtos laboratoriais como revistas ou jornais na disciplina. Os alunos produzem de dez a doze reportagens multimídia por semestre que, segundo a professora, contribuem para fixação e saber no final de cada período.

Tecnologia e pandemia

O período da pandemia da Covid-19 também afetou e modificou os métodos de ensino. Luís Sérgio conta que as atividades laboratoriais ficaram prejudicadas:

As máquinas estão equipadas podem rodar arquivos pesados e tem esse descompasso na questão remota. Na presencial tem a infraestrutura da universidade e no remoto isso não acontece com a mesma velocidade e às vezes nem acontece ou não tem nem acesso. Então essa ausência de infraestrutura é um problema já que é um pacote pago que a universidade disponibiliza, o aluno pode não ter no celular e não consegue rodar, aí fica apenas como ouvinte (SANTOS, 2021, informação verbal).

Com o distanciamento social, apareceram problemas de acesso pelos alunos, com isso os discentes passaram a usar o *Escribo* e o *Canva*, que apesar de serem restritos foram a alternativa para o cenário pandêmico. “Os resultados não foram bons, não resolveram o problema, e às vezes o aluno não mostra os *templates*, são uma camisa de força, mas são opções nesse cenário de distanciamento” (SANTOS, 2021, informação verbal). Suzane Maria Barros Gomes¹⁵, docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ressalta que ao longo do tempo as alterações nas aulas acontecem com as novas tecnologias e se aceleraram no período remoto.

Com a pandemia, a gente não podia ter aula de editoração, aí eu inserir o *Canva*, que é um software, aí o *Canva* salvou vidas, porque muita gente só tinha um celular, aí vamos fazer no *Canva*, eles fizeram uma revista no *Canva* (GOMES, 2022, informação verbal).

Luís Sérgio explica a adaptação das suas aulas para o remoto e as dificuldades encontradas durante o período:

¹⁵Entrevista concedida em 24/03/2022, à pesquisadora 3. Via Google Meet. Duração 1h01min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

Tem uma necessária adaptação, que é na forma de narrar, você não tem uma tela na sua frente onde você desenha. Eu sempre falo escrevendo no quadro, no final da aula o quadro está totalmente picassiano. Então isso é uma limitação uma quebra na narrativa porque às vezes eu escrevo usando o ambiente do design. Você não pode representar tantas coisas na mesma velocidade como numa sala de aula. Alguns conteúdos ficam mais difíceis de serem repassados. Eu acredito que na hora de falar de design não precisa usar só a voz, tem que mostrar, então teve adaptação dessa metodologia no remoto (SANTOS, 2021, informação verbal).

O professor Eduardo Nunes Freire¹⁶, da Unifor, esclarece que antes da pandemia da Covid-19 tinha por meta ensinar os alunos primeiramente com a parte teórica e logo depois introduzir a prática nas versões digitais. “Mas a pandemia nos botou pra casa e muitos alunos não têm computador, e é difícil ensinar on-line, então parei com a parte prática” (FREIRE, 2021, informação verbal). A produção laboratorial também parou:

No impresso, no design jornalístico, a gente tem um jornal que se chama *Sob Pressão*, que é um jornal-laboratório, que é desde quando foi criado o curso. Os alunos faziam as reportagens e era casado com a matéria design gráfico, depois eu ministrei essa matéria sozinho. A gente imprimia e fazia a versão digital. Com a pandemia paramos tudo e estou tendo que me reinventar (FREIRE, 2021, informação verbal).

O professor Bruno Ferreira¹⁷, da UFMA, de São Luís, menciona na entrevista que suas aulas sempre são modificadas a cada semestre, mas que com a pandemia, a forma com que ensinava ficou mais difícil. Bruno conta que no período pandêmico teve que ensinar as disciplinas Design da Notícia e Jornalismo de Revista, que não são trabalhadas em laboratório, e foram ministradas com a utilização do *Google Meet*. “Eventualmente eu produzo um vídeo, e aí a gente tem as leituras de textos, análises de sites, uma outra coisa que dê pra produzir no campo” (FERREIRA, 2021, informação verbal).

O acesso entre os alunos não é uniforme às tecnologias. O docente explica que alguns alunos conseguem ter o *Indesign*, o que inclui o uso dele nas aulas, mas que a disciplina de Laboratório Impresso não deveria ser ministrada remotamente.

¹⁶ Entrevista concedida em 30/03/2021, às pesquisadoras 2 e 4. Via Google Meet. Duração 2h12min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

¹⁷ Entrevista concedida em 07/06/2021, à pesquisadora 2. Via Google Meet. Duração 1h 12min. Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

É uma disciplina laboratorial, e aí, no modo remoto, é praticamente impossível. Aí, agora semestre passado, eu precisei dar ela porque tinha algumas pessoas que tavam pra se formar e só faltava ela. A gente fez, assim, eu fiz tudo, compartilhando tela, mostrando *Indesign* da minha tela. Tinha outro aluno que tinha *Indesign* também ajudou, a gente fez o jornal esse semestre, aos trampos e barrancos, a gente fez, mas a gente não teve aula prática mesmo. (...) só olhando assim, é, aquela coisa, você olha, mas esquece, mas se você olha e faz, você memoriza melhor, né? (FERREIRA, 2021, informação verbal).

De acordo com a análise das práticas, no decorrer do tempo houve modificações nas metodologias empregadas pelos docentes. O período pandêmico e as aulas remotas, dificultaram o desenvolvimento das disciplinas que englobam o jornalismo visual.

Considerações para outros olhares

Diante deste recorte é possível notar que o ensino remoto provocado pela pandemia acende um alerta sobre a falta de acesso dos alunos às tecnologias digitais e aos *softwares* da área gráfica, assim como a necessidade de renovação no ensino. Foi observado que, os professores estão cada vez mais envolvidos com o digital, o que permite destacar a importância do desenvolvimento de competências gráficas desta natureza no curso de jornalismo. O avanço tecnológico, foi de suma relevância para os graduandos durante a pandemia da Covid-19, porém para os docentes, conforme relatado nas entrevistas, sobrevieram a necessidade de avaliar os alunos, que antes exerciam atividades práticas em laboratório. Com isso, foram aplicados novos processos, como o uso de aplicativos para celulares ou smartphones na diagramação. Outros evitaram as atividades laboratoriais e optaram por aulas teóricas.

Conforme o apurado, a era digital tem ganhado cada vez mais espaço no jornalismo visual, com a agilidade e o ritmo frenético de produção de conteúdos, os professores dessa área precisam acompanhar o avanço. A pandemia obrigou atualizações nas práticas de ensino e revelou outros horizontes de produção visual aos docentes.

Esta pesquisa está em andamento e aqui apresenta um primeiro tratamento de dados das vozes dos educadores desse campo que necessita de valorização. Estas primeiras linhas de força demonstram como a análise de dados da pesquisa pode ainda avançar nos eixos de formação, teorias, práticas e perspectivas e contribuir também no processo de aprendizagem na iniciação científica.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Juliana Lotif [13/06/2022] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h17min)
- ARAÚJO, Nayra Veras de [28/04/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h12min)
- BRASIL. Ministério da Educação. 2013. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242_-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20/07/2021
- CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da [13/04/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h53min).
- FERREIRA, Bruno Soares [07/06/2021] Entrevistadora: Andréia Nascimento. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h12min).
- FREIRE, Eduardo Nunes [24/03/2022] Entrevistadora: Yara Medeiros. Google Meet. Um arquivo.mp4 (2h12min)
- _____. **O design no jornal impresso diário: do tipográfico ao digital**. Revista Galáxia, São Paulo - SP, n. 18. p. 291-310, dez. 2009.
- GEHLEN, Marco Antônio [30/08/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h30min)
- GOMES, Suzane Maria Barros [24/03/2022] Entrevistadora: Andréia Nascimento. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h01min)
- GOMES, Vitor José Braga Mota [09/09/2021] Entrevistadora: Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min02s)
- GRUSZYNSKI, Ana; DASMASCENO, Patrícia; SANSEVERINO; Gabriela; BANDEIRA, Ana Rosa da. Design de jornais: competências profissionais do impresso à multiplataforma. **Brazilian Journalism Research**. v. 12, n. 3, p. 34-57, 2016.
- GUIMARÃES, Luciano. Conceito, fundamentos e as três dimensões do jornalismo visual. **Revista Comunicação Midiática**, v. 8, n. 3, p. 236-253, set./dez. 2013.
- HARRIS, Christopher R.; LESTER, Paul Martin. **Visual Journalism: a guide for a new media professionals**. Boston, EUA: Allyn and Bacon, 2002.
- MEDEIROS, Yara. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, fevereiro de 2020.
- MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo - SP: Cosac Naify, 2008.
- MORAIS, Lana Krisna de Carvalho [06/10/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h 26min)
- OLIVEIRA, Elane Abreu de; ARAÚJO, Juliana Lotif. Design de notícias no curso de

Jornalismo: uma experiência de ensino a partir do design da informação. **Revista Brasileira de Design da Informação**. São Paulo, v. 14, n. 2, 2017, p. 204-217

SANTOS, Luís Sérgio dos [02/06/2021] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Um arquivo.mp4 (2h09min)

SOARES, Maira. **Jornalismo visual**: um recorte nordestino do ensino remoto na pandemia. **Anais...10º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo**, on-line, 2021.